

figuras de estilo

Uma tentativa de apresentação didática

GILBERTO SCARTON

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

(Carlos D. de Andrade)

Do Ensaio

Não vai aqui nenhuma novidade ou pretensão se falarmos da necessidade de estudos estilísticos aplicados ao nosso Ensino Médio.

Felizmente, este deficit vem sendo superado aos poucos, nestes últimos anos, quando bons autores de livros-texto procuram enfatizar cada vez mais o uso correto e expressivo da língua, mostrando a maneira como o escritor ou o poeta dela se utilizam para atuarem mais fortemente sobre o leitor, evidenciando a interdependência entre fundo e forma.

Se tradicional é a nomenclatura dos recursos estilísticos que nos chega através da velha retórica, tivemos a preocupação de dar uma feição nova e didática na apresentação dos mesmos, a fim de que o nosso aluno bem os compreenda e, compreendendo-os, compreenda o texto e valorize o contexto em que estão inseridos.

Iniciamos nosso trabalho fornecendo ao nosso aluno alguns elementos sobre o escritor, o poeta e suas criações artísticas. É uma introdução muito

despretensiosa que tem por finalidade colocar o aluno em contato com a fenomenologia da obra literária. Feito isso, passamos a dar uma visão genérica dos recursos expressivos utilizados seguidamente na fala coloquial e em textos literários. É uma introdução às figuras de estilo, que denominamos, no momento, "Modos de Dizer...". Em seguida, então, começamos com a apresentação sistemática da metáfora, ironia e personificação, com ilustrações em muitos textos.

Não foi nosso objetivo fazermos um trabalho completo neste terreno. Quisemos, isto sim, apresentar, talvez, uma nova maneira de como trabalhar a língua nesta área.

Resta-nos afirmar que este trabalho foi aplicado na 4.^a série ginásial do Ginásio Estadual Marechal Miguel Lampert, com resultados satisfatórios.

Pôrto Alegre, 18-10-71

I - Um Pouco de Poetas e de Poesia

1.

Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola bem próximas umas das outras, e que se chamava, digamos, Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos fundos, Deus sabe como os presos lá dentro viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação inelutável (era o lugar onde se fabricavam gaiolas, vassouras, flôres de papel e bonecos de pau). A igreja também era velha, porém não tinha o mesmo prestígio. E a escola, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos. Foi aí que nasci: nasci na sala do 3.^o ano, sendo professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus tenha. Até então era analfabeto e despretensioso. Lembro-me que nesse dia de julho o sol que descia da serra era bravo e parado. A aula era de geografia, e a professora escrevia no quadro-negro os nomes dos países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se envergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente trazendo consigo países inteiros. Então eu nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever. Nunca havia pensado no que poderia sair de um papel e de um lápis, a não ser bonecos sem pescoço e com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira procurando um objeto, achou-o, apertou-o, irresistivelmente escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte.

É talvez a mais curta narração no gênero. Dez linhas incluindo um naufrágio e a visita a um vulcão. Eu escrevia com o rosto ardendo e a mão veloz tropeçando sobre as complicações ortográficas, mas passando adiante. Isso durou talvez um quarto de hora e valeu-me uma interpe-
lação de D. Emerenciana.

(Carlos D. de Andrade)

2.

QUESTÕES

- Em poucas linhas, o que nos narra o texto?
- Que fatores levaram o menino a escrever?
- Como se sentia enquanto escrevia?

Transcrevi este texto para você apenas para lhe dizer que isto acontece cada vez que um poeta compõe um poema, ou um escritor, um texto literário. Eles se sentem pressionados a escrever... É uma necessidade que estende suas raízes pelos recantos mais íntimos da alma. É esta fome que caracteriza o verdadeiro poeta e o escritor.

3.

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar, ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranqüila de sua noite: "Sou mesmo forçado a escrever?". Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa, se puder contestar àquela pergunta severa por um forte e simples *sou*, então construa a sua vida de acordo com esta necessidade.

4.

O texto acima é um pedacinho de uma carta de Rainer Maria Rilke, em resposta a um jovem que lhe perguntava se poderia ser bom poeta.

QUESTÃO: transcreva do primeiro texto palavras ou expressões que comprovem a *necessidade de escrever* do menino.

5.

LEMBRETE

Se a Inglaterra... Paris... o neveiro... o esquimó... o condor levaram o menino a escrever, que outras milhares de coisas levam os outros poetas a fazerem o mesmo? Comece a se perguntar, daqui por diante, sempre que você ler uma poesia...

6.

Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um jardim quase sêco.

Era numa época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas tôdas as manhãs vinha um pobre homem com um balde, e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gôtas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gôtas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que estas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

(Cecília Meirelles)

7.

Você já ficou à janela a observar o que pode avistar dela?

Você "perderia tempo" observando um homem, de dedos magros, a regar um jardim?

Diante desta cena, você saberia dizer: "Que belo é ver um homem a regar um jardim quase sêco?"

E quantas vezes você deixou de admirar um jasmineiro, uma roseira em flor?

E as nuvens? Elas não lhe dizem nada? Pardais, borboletas duas a duas, um avião que passa no céu azul, por que você não os observa detalhadamente?

Tudo isto, você deve saber, está diante de sua janela. E tudo isto constitui as pequenas felicidades da autora... Você também pode ter estas felicidades, mas *você deve aprender a olhar...*

8.

Devo lhe dizer que este texto nos ensina muito sobre os poetas. São eles pessoas que sabem olhar, e olhar muito bem... E com tudo se encantam, emocionando-se facilmente. São como as crianças que, encontrando um caquinho de vidro, vêem nele um tesouro das Índias... Estas emoções, estes encantamentos perante as coisas da vida arrastam o poeta a escrever. Não foi isto que aconteceu com o menino do primeiro texto?

9.

SUGESTÃO:

Composição:

“Quando estou à janela...”.

10.

A vida é, muitas vezes, feita de pequenos nada, de miudezas, de coisas vulgares e conhecidas que, todavia, estão cheias de significação. Quantas coisas vulgares, insignificantes, que estão à nossa roda, e que vistas com os olhos da observação, do amor e da poesia se tornam maravilhosas?

*A vida é feita de nada:
De grandes serras paradas
À espera de movimento;
De searas onduladas
Pelo vento;
De casas de moradia
Caiadas e com sinais*

*Deinhos que outrora havia
Nos beirais;
De poeira;
De ver esta maravilha:
Meu Pai a erguer uma videira
Como uma Mãe que faz a trança à filha*

(Miguel Torga)

11.

Assim o poeta procura “como se fôsse o primeiro homem dizer o que vê, vive, ama, perde” procurando despertar nos que o lêem sentimentos parecidos aos que experimenta.

E aqui o poeta se depara com uma grande dificuldade: Quão inadequadas parecem as palavras para que nelas caiba, de modo satisfatório, a idéia que se agita em sua mente e luta para exteriorizar-se... E o poeta sente isto:

*Que desgraça meu Deus!
Tenho a Iliada aberta à minha frente,
Tenho a memória cheia de poemas,
Tenho os versos que fiz
E todo o santo dia me rasguei
à procura não sei
De que palavra, síntese, ou imagem!
Desço dentro de mim, olho a paisagem,
Analiso o que sou, penso o que vejo
E sempre o mesmo trágico desejo
De dar outra expressão ao que foi dito!*

(Miguel Torga)

12.

E mais: o poeta, o artista quer ser original, quer falar, escrever como ninguém o fez até agora.

*Já que não encontro um termo novo
Para exaltar os olhos teus,
Terei de repetir a voz do povo
E a voz do povo é a voz de Deus.*

Tudo o que penso de ti
Já se disse aqui e ali,
Portanto é voz geral.
E eu para dizê-lo de novo
Terei de me tornar banal;
Que raiva danada
Eu tenho do povo
Que não me deixa ser original.

Vemos que o poeta apaixonado procura dizer a sua amada, a respeito de seus olhos, alguma coisa de novo, alguma coisa de original, que não tenha ocorrido a ninguém...

(Apud Jesus Belo Galvão)

Muitas vezes, para conseguir isto, o poeta (ou o escritor) lança mão de uma série de recursos expressivos. Cabe a você entender estes mesmos recursos para bem compreender o texto e valorizar quem o escreveu. É o estudo que você vai começar agora...

II. Modos de Dizer

*Apresentação introdutória das figuras
de linguagem para o ginásio*

TEXTOS

Leia com atenção os textos que se seguem:

1.

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pèlago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! Arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

(Castro Alves — *O Navio Negreiro*)

2.

Estou vendo que tudo que gente grande diz são *modos de dizer*, continuou a pestinha. Isto é, são pequenas mentiras — e... depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!... Os tais poetas, por exemplo. Que é que fazem se não mentir? Ontem à noite a senhora nos leu aquela poesia de Castro Alves que termina assim:

Andrada! Arranca êsse pendão dos ares!

Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Tudo mentira. Como é que êsse poeta manda o Andrada, que já morreu, arrancar uma bandeira dos ares, quando não há nenhuma bandeira nos ares, e ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque? Bandeira desce-se do pau pela cordinha. E como é que êsse poeta, um soldado raso, se atreve a dar ordens a Colombo, um almirante? E como é que manda Colombo fechar a "porta" dos "teus" mares, se o mar não tem porta e Colombo nunca teve mares — quem tem mares é a Terra?

Dona Benta suspirou.

— Modos de dizer, Emília. Sem êsses modos de dizer, aos quais chamamos "imagens poéticas", Castro Alves não poderia fazer versos.

— Mas é ou não mentira?

Dona Benta ia abrindo a bôca para a resposta, quando um homem a cavalo apontou na curva da estrada.

(Monteiro Lobato — *A Chave do Tamanho*)

3.

Viera para a aldeia um médico, já idoso. O seu primeiro doente foi um lavrador que se queixava de fortíssimas dores nas costas. O doutor receitou-lhe uma pomada, para friccionar as cadeiras com força, à noite e de manhã. Passados oito dias, encontrando o doente, diz-lhe o médico:

— Então, como tem passado? Já não tem dores?

— Ai, senhor doutor, as cadeiras estão muito lustrosas, mas eu estou na mesma!

— Ora essa! Como aplicou você o remédio que lhe receitei?

— Olhe, senhor doutor, — respondeu o lavrador — tôdas as noites e tôdas as manhãs esfrego com quanta força tenho as cadeiras da minha sala. Estão lindas, estão: mas as dores ainda me não passaram.

O médico soltou uma gargalhada e disse-lhe:

— Oh! homem, não são as cadeiras da sua sala, mas as cadeiras do seu corpo, os quadris, que você deve mandar esfregar!

O aldeão compreendeu, assim fêz, e daí a pouco estava curado.

(Rodrigues Lapa — *Estilística da Língua Portuguesa*)

4.

Eu vi a coisa, quando o dia nascia, nascia o ano. A festa mal começara, era pura meia-noite, de modo que nem acusar de bêbedo vocês podem. Ela surgiu, aos poucos, entre um copo e outro, foi crescendo, tomando vulto, adquirindo forma. A princípio, achei-a engraçada, mas pouco a pouco, percebi seu ar teratológico, sua efígie de monstro. Não fez nada, sumiu algumas horas depois. Mas era horrenda, como vocês verão por esta descrição:

*Tinha cabelo de relógio,
testa de ferro,
cabeça de ponte,
orelhas de livro,
ouvidos de mercador.
Um ôlho-d'água,
outro da rua,
pupilas do Sr. Reitor
nariz de cêra,
dente de coelho,
língua de traço,
barba de milho
e costeletas de porco.
Tinha um seio da pátria,
outro da sociedade,
braço do mar,
cotovelos de estrada,*

*uma mão de direção,
outra mão bôba,
palmas de coqueiros,
dois dedos de prosa
e unha de fome.
Tinha tronco de árvore,
corpo de delíto,
juntas comerciais,
barriga de revisão,
bacia do Amazonas,
costa da África,
pernas de mesa,
canela em pó,
um pé cúbico,
outro pé de vento
e plantas de arquitetura.*

(Vão Gôgo — *A Coisa*, O Cruzeiro)

5.

INTRODUÇÃO

Você já deve ter observado pelas leituras que, muitas vezes, emprestamos um outro significado a uma palavra (Ex.: cadeira). São *modos de dizer*... segundo a D. Benta.

Você deve saber direito isso, caso contrário você não compreenderá muitas coisas que escritores e poetas nos escrevem, pois, seguidamente, eles usam êsses *modos de dizer*. E você será como o lavrador: não vai entender o poeta ou o escritor, assim como o pobre aldeão não entendeu o médico, e você ficaria "lustrando as cadeiras...".

Para que isso não aconteça, vamos fazer um pequeno estudo sôbre a mudança de significado de palavras, isto é, *palavras tomadas num outro sentido*.

6.

PRIMEIRO QUADRO

Você não encontrará somente em escritores e poetas isso de dar *um outro sentido às palavras*. Você emprega, seguidamente, na sua fala coloquial, palavras *com outro sentido*. Talvez não se aperceba, mas veremos como é verdade...

a) Não é verdade que as meninas, em geral, ao se referirem à beleza de um rapaz, dizem:

Ele é um PÃO! ?

— Qual é o sentido de "pão" neste caso?.....

— Qual é o outro sentido de "pão"?.....

b) Como é que você fala quando vê uma menina mimosa, linda, gentil?

Ela é uma.....

— Quais são os dois sentidos da palavra?

— Primeiro sentido:

— Segundo sentido:

c) E quando uma pessoa é muito braba, dizemos:

Ela é uma.....

Temos apresentado assim mais exemplos de palavras tomadas num outro sentido. Essa maneira de falar recebe um nome especial. Isso aprenderemos mais adiante. Dizemos, agora, simplesmente, que são *modos de dizer*.

7.

SEGUNDO QUADRO

Muitas vezes também falamos por comparações. Em vez de dizermos que "Fulano é forte, muito forte", dizemos:

Fulano é forte como um touro

Construa frases que encerrem comparações, usando os seguintes adjetivos:

- clara:
- branca:
- brilhante:
- inteligente:
- rápido:
- amigo:
- pobre:
- paciente:

8.

TERCEIRO QUADRO

Você leu, no início desse trabalho, um texto do autor Millor Fernandes, cujo pseudônimo é Vão Gôgo. Pelo texto podemos notar que ele é um grande humorista. Nosso autor, que também é desenhista, teatrólogo, jornalista, nos apresenta uma série de expressões, onde a língua empresta um outro significado à palavra.

Exemplo: *orelha do livro*

Nesse caso, o sentido de "orelha" é outro que não aquele que nós usamos mais comumente... Podemos dizer que a palavra se *desviou de seu sentido normal*.

— O que você entende por:

- orelha:
- orelha do livro:
- testa:
- testa-de-ferro:
- ouvidos:
- ouvidos de mercador:

— Onde estão os "desvios" dos verbos abaixo?

- enterrar um alfinete na pele
- embarcar num trem
- cavalgar um burro
- o avião aterrissou no mar

9.

QUARTO QUADRO

Quando falamos, substituímos uma palavra por outra, porque notamos entre elas uma determinada relação.

Se o professor de Português mandar que vocês leiam José de Alencar, vocês não vão para casa ou a outro lugar qualquer procurar o tal Sr. José de Alencar para lê-lo. Seriam iguais ao pobre lavrador... Iriam, sim, procurar os livros de José de Alencar...

O que o professor fez na frase:

Leiam José de Alencar! ?

Empregou no lugar dos livros, da obra, o nome do autor.

É que há íntima relação entre o autor e a obra.

É um outro "modo de dizer".

Vamos ilustrar isso com mais um exemplo. Você ouve dizer, seguidamente:

Ganhar o pão com o suor do rosto.

- O que devemos entender por "pão"?
- O que devemos entender por "suor"?
- Por que podemos assim nos expressar:
"Devemos ganhar o pão com o suor do rosto?"

— O que você entende com a seguinte frase:

Ele é um Judas. ?

10.

QUINTO QUADRO

Costuma-se, também, designar uma pessoa ou cidade por qualquer atributo que tenham tido. Exemplo:

"O Poeta dos Escravos pertence ao Romantismo".

Por "Poeta dos Escravos" entendemos Castro Alves.

Outro exemplo:

"A Cidade Eterna é maravilhosa".

Por "Cidade Eterna" entendemos Roma.

— Quem é quem:

- o Doutor Angélico
- o Herói das Termópilas
- o Apóstolo das Gentes
- o Poeta Florentino
- a Águia de Haia
- o Rei do Futebol

11.

CONCLUSÃO

Como você constatou há muitos "modos de dizer". Há muitas maneiras de emprestar outro significado às palavras. Chamando a atenção sobre isso, fizemos apenas um trabalho introdutório, alertando-o quanto aos "modos de dizer" para você não compreender mal (como o pobre aldeão) certos textos que você costuma ler e trabalhar. Mais adiante começaremos com um estudo mais sistemático quanto a esse problema, dando a cada "modo de dizer" um nome apropriado.

12.

APLICAÇÃO

*E aquelas mãozinhas,
tão leves,
tão brancas,
riscavam as paredes,
quebravam os bonecos,
armavam castelos de areia
na praia,
viviavam as duas
qual João mais Maria.*

*À boca da noite
O Cata-piolhos
rezava baixinho:
"Pelo sinal
da Santa Cruz
livre-nos Deus
Nosso Senhor".*

*E aquelas mãozinhas
dormiam unidinhas
qual João mais Maria*

*"Dedo-mindinho
Seu-visinho
o Pai de todos
Seu Fura-bolos
Cata-piolhos,
quedê o toicinho?
— o gato comeu".*

*Nas noites de lua
cheinhas de estrêlas
Seu Fura-bolos
contava as estrêlas...
o Pai de todos
cuidava dos outros:
nasciam berrugas
no Cata-piolhos.*

*E aquelas mãozinhas
viviavam sujinhas
qual João mais Maria...*

*Um dia (que dia!)
O Dedo-mindinho
feriu-se num espinho...*

*E à boca da noite
o Cata-piolhos deixou de rezar;*

*e João mais Maria, juntinhos,
ligados,
pararam em cruz
cobertos de fitas
que nem dois bonecos...
sem molas, quebrados...*

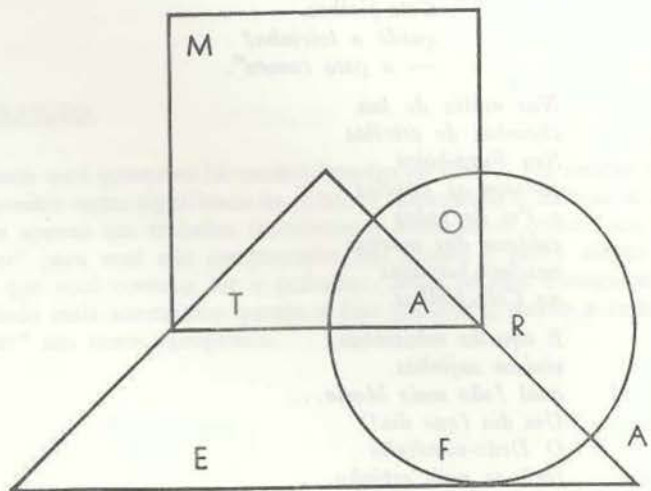
Quem compra um boneco da loja de Deus?

(Jorge de Lima — Poema das Duas Mãozinhas)

Já que você foi alertado no sentido de bem compreender “os modos de dizer”, procure dar uma explicação correta para o poema citado. Ele nos fala de uma criança. Descubra qual foi o “modo de dizer” que o poeta usou para retratá-la. Fale sobre o que ela fazia. Não deixe de falar sobre esse “modo de dizer”: “O Dedo-mindinho feriu-se num espinho...”. O que o poeta quis dizer com isso? Por que “as duas mãozinhas” tornaram-se “dois bonecos... sem molas, quebrados”? E o último verso, que significa ele? Junte todas essas explicações fazendo um trabalho sobre o poema.

III. Apresentação de uma Figura para o Ginásio

FIGURA:



1. A letra que está somente no quadrado:...
2. A letra que está somente no triângulo:...
3. A letra que está no quadrado e no triângulo:...
4. A letra que está no quadrado, no triângulo e no círculo:...
5. A letra que está no triângulo e no círculo:....
6. A letra que está no quadrado e no círculo:....
7. A letra que está somente no círculo:...
8. A letra que está fora dos desenhos:....

1.

INTRODUÇÃO

Você já sabe que as palavras, muitas vezes, dentro de um texto, dentro de uma frase, perdem aquele seu sentido habitual e passam a significar outra coisa. Dissemos que as palavras mudam de significado. Você compreendeu bem isso, não compreendeu? Pois bem, quando verificamos que uma palavra não está empregada no seu sentido normal, isto é, quando emprestamos um outro significado, um outro sentido à palavra, chamamos “êste modo de dizer” de LINGUAGEM FIGURADA ou TROPOS.

Certo? Agora, então, nos espaços abaixo, você vai redigir uma definição da nova palavra que você acaba de conhecer.

.....

.....

.....

Assim você aprendeu um novo conceito: linguagem figurada ou tropos. Daqui para frente você não vai falar mais como D. Benta:

“... são modos de dizer...”.

Você vai se expressar melhor, dizendo, por exemplo, que na passagem

“Andrada! arranca êste pendão dos ares!

Colombo! fecha a porta de teus mares!”

o poeta utilizou um tropo, ou se utilizou da LINGUAGEM FIGURADA para expressar sua indignação perante o tráfico dos escravos...

2.

PRIMEIRO QUADRO

Nesse nosso estudo você vai aprender mais duas palavras novas com as quais deve se familiarizar. Para tanto, você deve ir ao dicionário e registrar o que ele diz a respeito dos seguintes verbetes:

- árvore:
- ouro:
- pó:
- lama:
- saudade:

3.

SEGUNDO QUADRO

Até aqui tudo muito certo. Agora, feche os olhos e pense o que as mesmas palavras lhe sugerem. Anote, nos espaços abaixo, estas idéias sugeridas pelas palavras... Você não entendeu, talvez. Vou lhe dar um exemplo. Por exemplo, a palavra "flor".

flor: ela me sugere as seguintes idéias: amor, beleza, namorada, carinho, suavidade, etc...

Faça o mesmo com as palavras abaixo:

- árvore:
- ouro:
- pó:
- lama:
- saudade:

4.

CONCLUSÃO

E deste pequeno trabalho que você realizou podemos formular dois conceitos a respeito da significação das palavras.

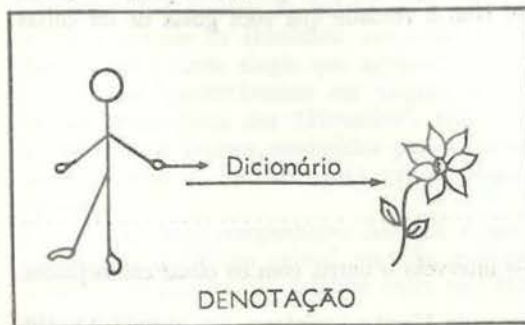
PRIMEIRO: as palavras que possuem seu sentido natural, aquele sentido registrado, normalmente, nos dicionários e aceito por todos os que falam a língua, são palavras de **SIGNIFICAÇÃO DENOTATIVA**.

SEGUNDO: mas as palavras podem despertar em nossa mente outras idéias, pensamentos, sentimentos. Portanto, **SIGNIFICAÇÃO CONOTATIVA** de uma palavra são as idéias que nossa mente nos sugere em relação a uma palavra qualquer.

5.

ILUSTRAÇÃO E APLICAÇÃO

Podemos ilustrar estes dois conceitos com um desenho:



E se eu lhe disser agora que a linguagem poética é altamente conotativa, o que você entenderia com isso?

.....

.....

.....

E antes de prosseguirmos em nosso estudo, vou lhe apresentar um pequeno poema de Guilherme de Almeida a fim de que você lhe dê um título e escreva algo a respeito:

Plantam — ela dá árvores.
Cavam — ela dá ouro.
Passam — ela dá pó.
Choram — ela dá lama.
Enterram — ela dá saudade.

Estamos quase chegando aonde queremos chegar... E para tanto vou lhe apresentar mais um texto. Não é verdade que você gosta de ler coisas novas e belas?

6.

— Chamou-me de cão — interveio o outro, com os olhos chamejantes, numa voz que vibrava.

— Sim, Sr. Juiz — prosseguiu Uazil — confesso que chamei Almálik de cão. Dei-lhe, entretanto, este epíteto três vezes. Na primeira vez, interrompendo acalorada discussão, gritei, exaltado: — “És um cão, ó Almálik!”. Longe de se mostrar ofendido, agradeceu-me, comovido, declarando que a minha afirmação traduzia o maior elogio que poderia ser feito a um homem de bem. Alguns meses depois, diante de um grupo de numerosas pessoas, apontei-o publicamente: — “O meu companheiro Almálik é um cão!”. Ficou contentíssimo com esta qualidade que eu lhe atribuíra, e declarou que as minhas palavras eram, no fundo, um gracejo admirável que denotava talento e presença de espírito. Hoje, finalmente no meio do bate-bôca, chamei-o, ainda uma vez, de cão. Ei-lo que se enfurece e se atira como um louco contra mim. Entramos em luta, e em consequência dêste mal-entendido fomos detidos por um guarda que nos trouxe presos, como turbulentos, à presença dêste Tribunal.

Não se contentou o “cádi” com o depoimento que acabava de ouvir. Achou estranha aquela explicação de Uazil e deliberou, por isso, interpelar o segundo acusado:

— São verdadeiras, ó cambista, as declarações que acabam de ser feitas?

— Juro que sim, venerável “cádi” — respondeu o môço. — Uazil Adári chamou-me de cão três vezes. Uma vez para elogiar-me; outra vez para proferir um inesperado gracejo que me salvou a vida; a terceira vez, ainda há pouco, para ofender a minha dignidade pessoal.

— Por Alá! — exclamou o juiz, surpreendido. Não posso admitir que a mesma palavra *cão*, atirada à face de um homem contenha significações tão diversas. Hoje um elogio que honra, amanhã um gracejo que salva, e mais tarde uma injúria que magoa!

Para atender à curiosidade do judicioso “cádi”, Almálik, o cambista, depois de pequeno silêncio, narrou o seguinte:

— Certa vez, junto à fonte de Genenah, numa roda de amigos, conversávamos animadamente. Em dado momento falou-se sobre a Fidelidade, e um dos presentes censurou aqueles que esquecem as obrigações contraídas, as promessas e as dívidas...

Nessa ocasião interveio Uazil e voltando-se para mim, declara com firmeza: “Em matéria de fidelidade, ó Almálik, és um cão!”. Ora, sendo o cão o símbolo da fidelidade, era evidente que as palavras de Uazil traduziam um grande elogio que agradei, penhorado. Alguns meses depois, quando nos encontrávamos em viagem pelo interior da Nova Caledônia caímos prisioneiros dos “Houailus”, tribo perigosa de canibais. No momento em que éramos conduzidos para o lugar do suplício, Uazil (que conhecia o idioma dos bárbaros) gritou, como um aviso terrível para os selvagens:

— “O meu companheiro Almálik é um cão!”. Ora, nessa tribo de canibais, o cão é um animal sagrado, e o estrangeiro que recebe de um branco o epíteto de cão, adquire entre os “Houailus” privilégios e regalias excepcionais.

A oportuna intervenção de Uazil trouxe uma consequência espantosa. Os selvagens soltaram os laços que me prendiam, ajoelharam-se diante de mim, e elegeram-me em divindade. Graças ao estratagem de Uazil conseguimos fugir ao cativeiro e morte. O chamar-me de cão naquele instante trágico, fôra portanto, um gracejo felicíssimo, que só poderia ocorrer a uma pessoa de imaginação. Hoje, entretanto, quando deixávamos o bazar, Uazil, julgando-se prejudicado numa transação que havíamos feito, gritou, colérico: — “Não passas de um cão, miserável!”. Só um desbriado, Sr. Juiz, ouviria impassível...

Sorriu o bom “cádi” ao ouvir aquêlo relato. Ordenou que os dois litigantes fôsem postos em liberdade e lavrou, sobre o caso, uma sentença que foi escrita, em trinta e tantos versos, na mesquita mais rica de Bagdad.

(Malba Tahan — *Cão Três Vêzes*)

7.

PROCESSO DA METÁFORA

Tomemos a primeira afirmação:

“O meu companheiro Almálik é um cão!”

Que quis dizer Uazil com esta frase?

Muitas vezes você pode falar como Uazil, isto é, para explicar ou exprimir alguma coisa você a compara com uma outra coisa. E você assim procede porque nota que há algo de comum entre as duas. Por certo você não entendeu bem isto. Vou lhe explicar. Retomemos o exemplo:

“O meu companheiro Almálik é um cão!”.

Por que Uazil assim se expressou? É que havia algo em comum entre um cão e seu amigo Almálik. Qual era a coisa comum entre “cão” e “Almálik”?

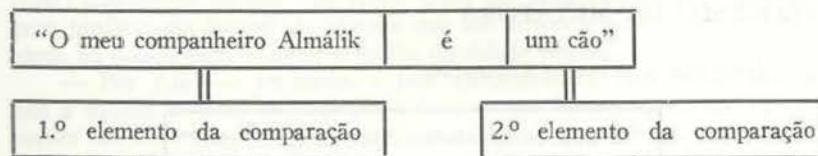
Em vista disto, Uazil assim poderia ter-se expressado:

“O meu companheiro Almálik é fiel como um cão”

E teríamos o seguinte gráfico:



Mas Uazil usou uma comparação abreviada e falou:



Você entendeu todo este mecanismo? Vou lhe dar mais um exemplo. Suponhamos que você queira dizer que:

A escola é linda.

Para fazer esta declaração você poderá comparar a escola com outra coisa que é linda. O que é lindo? Um jardim, por exemplo.

Então diria:

A escola é linda como um jardim.

Mas depois você resolveria abreviar a comparação e diria então:

A escola é um jardim.

E se a escola é um jardim, a que você compararia as diversas turmas, classes que formam a escola?

E os alunos?

E os professores?

Vejamos se você foi feliz em suas “comparações”

8.

*A minha escola é um jardim de flôres,
Nela há muitos canteiros multicores...
Cada mestre é um perfeito jardineiro,
Que cultivava, com amor, o seu canteiro...
As crianças são belas, raras flôres
Dos canteiros alegres, multicores...
À entrada, um Cristo Redentor,
Exemplo humano do Divino Amor.
O Perfeito Criador, de bondade infinita,
Olhando a minha escola
Achou-a tão bonita.
Lá colocou, no meio das crianças,
Outras flôres de ternura e de esperança.
Minha escola!
Há, nela, um canteiro encantado
Coberto de flôres de rara beleza...
Flôres do amor, do afeto, da amizade,
Flôres da compreensão e da saudade...*

Minhas flôres!
Flôres raras do jardim da minha escola,
Que nome lhes darei?
Flôres do amor, da compreensão ou da bondade,
Flôres da saudade, talvez?

Sim! São flôres da bondade,
Da bondade que anima e que consola.

Com a permissão do Pai que tudo vê,
Pode formar com as flôres da minha escola,
Um incomparável buquê.

(Ada Vaz Cabeda — Minha Escola)

9.

OBSERVAÇÃO

Minha escola é um jardim.
Meu companheiro é um cão.
Qual é o sentido de:

jardim:
.....
cão:
.....

Minha casa tem um jardim.
Piloto é um cão.
Qual é o sentido de:

jardim:
.....
cão:
.....

Em que sentido estão empregadas
as palavras das duas colunas acima?
Use *têrmos* aprendidos em nosso estudo.

10.

DEFINIÇÃO DE METÁFORA

Pois bem, êstes "modos de dizer":
Minha escola é um jardim.
Meu companheiro é um cão

são uma linguagem figurada, ou são tropos, ou, mais precisamente, nós chamamos "êstes modos de dizer" de METÁFORA.

Era aqui que nós queríamos chegar. Nesta altura você tem capacidade de conceituar o que você entende por *metáfora*:

11.

EXEMPLOS DE METÁFORAS:

- a) "Tôda de branco a lua, ancila triste, passa pelo mosteiro celestial, celestialmente."
Quais são as duas metáforas?

Primeira: Segunda:
Explique-as:

- b) Quer saber como Cruz e Sousa se refere à lua?
"... ó Monja branca dos espaços..."
Comparar a primeira metáfora do primeiro exemplo com esta:

- c) Por que Cassiano Ricardo a chama de
"Boião de leite que a noite leva...?"

- d) E você, como se referiria à lua, usando uma metáfora?

- e) Ele tem um coração de pedra.
Explicar:

f) Minha vida é um Calvário.

Explicar:

g) Outros exemplos:

Um coração sem amor é um corpo sem alma — Coelho Neto.

O mar é — lago sereno,

O céu — um manto azulado,

O mundo — um sonho doirado,

A vida — um hino de amor! (Casimiro de Abreu)

Todo o universo é um templo — o céu a cúpula imensa,

Os astros — lâmpas de ouro no espaço a cintilar,

A ventania — é o órgão que enche a nave extensa,

Tu és o sacerdote da terra — imenso altar (Castro Alves)*

12.

OBSERVAR OS EXEMPLOS ABAIXO e completar a definição de metáfora

— A guerra *ferve* na Ásia.

— Ele me recebeu *friamente*.

— As campinas *alegres*...

— palavras *pesadas*

— acolhimento *quente*

olhar *duro*

dias *cinzentos*

horas *negras*

conta *salgada*

13.

Um amigo meu foi pescar em Mato Grosso. Uma tarde, à beira de um rio, longe de tudo, encontrou, caniço em punho, cachimbo na boca, garrafa de uísque no lado, um inglês de uns sessenta anos. Ficaram juntos, pescando, em silêncio. Um jaó cantou nas imediações. O inglês quis

saber que ave era aquela. Meu amigo contou a lenda: o jaó era casado com a jaú; jaú fugiu de casa e foi viver com outro pássaro; desde então jaó vive andando e mais andando pelo mato, muito triste, sem a companhia. O inglês ficou calado um minuto e meio. Depois disse com o cachimbo entre os dentes:

— Mim é jaó.

(Paulo Mendes Campos — *O Inglês e o Jaó*, Manchete)

14.

Aplique seus conhecimentos sobre o texto acima: existe nele alguma metáfora? Explique-a.

15.

SUGESTÃO para um trabalho complementar:

“Cântico do Calvário”

Fagundes Varela

IV. Aplicação Prática num Estudo de Texto

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

— *Alô, iniludível!*

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios).

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa.

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

(Manuel Bandeira — *Consoada*)

TÉCNICA:

Interrogatório Didático, onde o professor, através de uma série de perguntas, leva os alunos à compreensão e valorização do texto. Ao lado, as respostas aproximadas dos alunos.

Etapas:

- 1.^a Etapa: a) Leitura atenta do texto, sublinhando os vocábulo desconhecidos
 b) Numeração dos versos
 c) Explicação do vocabulário
- 2.^a Etapa: — Estudo das idéias e dos procedimentos do autor
- 3.^a Etapa: — Introdução de novos conceitos com base no texto.

1.^a ETAPA:

- a) Leitura atenta do texto, sublinhando os vocábulo desconhecidos
 b) Numeração dos versos
 c) Explicação do vocabulário.

PROFESSOR	ALUNOS (Respostas)
1. Quais são as palavras cujo sentido vocês desconhecem neste texto?	— consoada, gentes, caroável, iniludível, sortilégios.
2. Que significado o dicionário nos dá para a palavra “consoada”?	— refeição à noite, em dia de jejum. Merenda.
3. E para “gentes”?	— homem, pessoa, ser humano, povo.
4. Quais são os sinônimos que vocês encontraram, no dicionário, para “caroável”?	— carinhoso, amável, afeiçoado.
5. E para “iniludível”?	— enganável, que não se pode enganar ou iludir.
6. Estamos chegando ao fim. Falta-nos verificar o que o dicionário registra para “sortilégios”.	— malefício de feiticeiro, bruxaria, mandinga.
2. ^a ETAPA: estudo das idéias e dos procedimentos do autor.	

PROFESSOR	ALUNOS (Respostas)
1. No primeiro verso o poeta está se referindo a algo que ninguém deseja... nenhum ser humano ou nenhum povo quer... O que pode ser?	— a morte...
2. Nos versos de n.º 2, 3 e 4 o poeta aponta três qualidades que podem caracterizar a morte. Vocês saberiam dizer quais são?	— <i>dura</i> : aterradora, amarga — <i>caroável</i> : amável, carinhosa — <i>iniludível</i> : fatal, ninguém pode escapar.
3. O que vocês notam de interessante entre as qualidades atribuídas à morte?	— uma oposição de idéias, um contraste: <i>dura</i> / <i>caroável</i> .
4. Muito bem. E como haveria de se comportar o poeta diante dela?	— Talvez ele tivesse medo, talvez ele sorrisse e até dissesse: alô...
5. “Alô” é uma saudação igual a “Ó” que vocês usam quando se encontram. Vocês, normalmente, cumprimentam o diretor e os professores com esta saudação?	— NÃO!...
6. Por quê?	— Porque a gente reserva esta saudação para pessoas mais íntimas...
7. Vamos, então, fazer uma correlação de idéias. “Talvez eu tenha medo” se liga a que qualidade atribuída à morte?	— <i>dura</i> ...
8. “Talvez sorria”?	— <i>caroável</i> ...
9. Por que, talvez, o poeta haveria de receber a morte com um “alô”?	— Porque para o poeta a morte tem probabilidade de ser não somente “ <i>dura</i> ”, mas também “ <i>caroável</i> ” (carinhosa, amável) e então ele lhe daria um “alô”, vendo nela uma visita amiga, carinhosa, uma visita íntima.

PROFESSOR	ALUNOS (Respostas)
10. As pessoas, em geral, pensam que a morte é "dura" e têm medo dela. Outras há que podem achá-la "caroável" e compará-la a uma visita amiga. O poeta, como vimos, possui estas duas idéias a respeito da morte... Por que razão êle poderá receber a morte com um sorriso nos lábios, vendo nela uma visita íntima e amiga?	— Porque viveu bem, cumpriu com o seu dever e por isso está descansado...
11. A resposta está muito certa. Vamos comprovar isso através da poesia. No verso n.º 5 "O meu dia foi bom" em que sentido a palavra <i>dia</i> está empregada?	— sentido figurado, conotativo.
12. O que significa "O meu dia foi bom"?	— O poeta quer dizer que sua <i>vida</i> foi boa...
13. E o que vocês entendem com a passagem "... pode a noite descer"?	— Nesta passagem a palavra <i>noite</i> não está empregada no seu sentido próprio, habitual. Aqui ela tem um sentido figurado. Significa <i>a morte</i> . A noite (= a morte) pode chegar porque o dia (= vida) do poeta foi bom e por isso êle está descansado.
14. A noite (= a morte) "encontrará lavrado o campo". — Será que o poeta era também lavrador?	— Não, absolutamente! Nesta passagem as palavras estão empregadas num sentido figurado. O poeta quis dizer que cumpriu com o seu dever, fez o que deveria fazer e estava preparado por isso para morrer.
15. Muito bem. Assim como o lavrador cumpre com seu dever lavrando o campo, o poeta cumpriu	

PROFESSOR	ALUNOS (Respostas)
seu dever "poetando". Vocês sabem quanta satisfação sente um lavrador, que chegando ao fim do dia, sabe que lavrou muito campo. Vocês também vão dormir felizes, depois de um dia cheio de trabalho e estudo. Vocês ficam felizes porque sabem que não perderam seu dia. Satisfação igual a estas invade a alma do poeta que sabe que cumpriu com o seu dever... — Esta idéia do cumprimento do dever vem expressa em outras palavras ou expressões. Quais são?	— "a casa limpa A mesa posta, Com cada coisa em seu lugar."
16. Tomem, agora, o título "Consoada" e as expressões "casa limpa" e "a mesa posta" e comentem estas três coisas em conjunto, levando em consideração tudo o que dissemos até agora.	— Para o poeta a morte é uma pessoa íntima e amiga que vem para uma "Consoada", isto é, para uma ceia. E o poeta está muito bem preparado para receber esta visita: a casa está limpa e a mesa está posta...
17. Em vista disso tudo, o poeta deixa entrever que a morte é "dura" ou <i>caroável</i> ?	— caroável...
18. Concluindo, o que vocês entenderam com a poesia?	— Nesta poesia, intitulada "Consoada", M. Bandeira nos fala da vinda da morte. A ela êle se refere como sendo a "Indesejada das gentes" e a "iniludível". — Diante da morte, o poeta desconhece-lhe a natureza: se "dura" ou "caroável". Notamos também que o poeta não sabe como vai se comportar: talvez terá medo, talvez sorrirá...

PROFESSOR	ALUNOS (Respostas)
<p>19. Releiam o texto novamente e dividam-no em duas partes, dando a cada uma um título e limitando-as.</p> <p>3.^a ETAPA: introdução de novos conceitos a respeito dos recursos estilísticos, com base na poesia:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. perífrase-antonomásia: ("Indesejada das gentes") 2. antítese: dura/caroável 3. personificação. (Ver estudo) 	<p>Avançando na poesia, porém, percebemos que o poeta se definiu. A morte não lhe será "dura" e, provavelmente, na hora, êle há de sorrir. Deixa entrever que a morte lhe há de ser uma visita amiga que, "no fim do dia", veio para uma ceia, achando tudo na mais perfeita ordem.</p> <p>1.^a parte: versos de 1 — 4 a vinda da morte e as dúvidas do poeta.</p> <p>2.^a parte: versos de 5 — 9 a preparação do poeta para receber a morte.</p>

L.

9

V. Estudo Esquemático do Texto

<p style="text-align: center;">P O E S I A</p> <p><i>CONSOADA</i></p> <p style="text-align: right;">M. Bandeira</p>	<p style="text-align: center;">DIVISÃO EM PARTES</p> <p style="text-align: center;"><i>PALAVRAS PRINCIPAIS</i></p>
<p>Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou caroável),</p> <p>Talvez eu tenha medo.</p> <p>Talvez sorria, ou diga:</p> <p style="text-align: center;">— Alô, iniludível!</p>	<p>1.^a parte: a vinda da morte e as dúvidas do poeta</p> <p>Indesejada das gentes chegar...</p> <hr/> <p>dura/caroável talvez...</p> <p>tenha medo/sorria</p> <hr/> <p>alô...</p> <hr/> <p>iniludível</p>
<p>O meu dia foi bom, pode a noite descer. (A noite com seus sortilégios.) Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,</p> <p>A mesa posta,</p> <p>Com cada coisa em seu lugar.</p>	<p>2.^a parte: a preparação do poeta para receber a morte</p> <p>dia... bom.</p> <p>pode a noite chegar...</p> <hr/> <p>lavrado o campo</p> <p>casa limpa</p> <p>mesa posta</p> <p>cada coisa em seu</p> <p>lugar...</p>

<p style="text-align: center;">IDÉIAS SUGERIDAS</p>	<p style="text-align: center;">PROCEDIMENTOS DO AUTOR</p>
<p>Na poesia, o poeta não menciona a palavra "morte". Evoca seu significado através desta expressão:</p> <p style="text-align: center;">"Indesejada das gentes"</p>	<p>— perífrase (antonomásia)</p> <p>— personificação da morte (prosopopéia)</p>
<p>Tais expressões, dentro da poesia, evidenciam, de forma notável, o clima constante de dúvida que cerca o poeta, diante da morte</p>	<p style="text-align: center;">dura/caroável</p> <p>antíteses</p> <p style="text-align: center;">tenha medo/sorria</p>
<p>Denota a intimidade com que o poeta recebe a morte</p>	<p>afetividade</p>
<p>Novamente ele não menciona a palavra "morte". Evoca seu significado através de um dos epítetos que a tornam inconfundível.</p>	<p>— antonomásia</p> <p>É também um caso de linguagem afetiva pelo uso do vocativo.</p>
<p>Sugere-nos a idéia do findar da vida (= dia) pelo uso do verbo no passado (foi). E a idéia do dever cumprido, com o adj. <i>bom</i></p> <p>Com esta expressão o poeta evoca novamente a <i>morte</i>, a idéia da morte. É a noite (morte) que desce sobre o dia (vida)</p>	<p>Podemos notar que nesta última estrofe o poeta se utiliza de uma linguagem altamente conotativa ou metafórica.</p> <p>Tôdas as palavras estão empregadas num sentido figurado.</p> <p>metáforas dia = vida</p> <p>antíteses noite = morte</p>
<p>Sugere-nos a idéia do dever cumprido.</p> <p>São expressões através das quais o poeta nos mostra que está perfeitamente preparado para receber a morte que é uma visita íntima, amiga, que vem para uma consoada, estando a casa limpa e a mesa posta.</p>	<p>Linguagem metafórica.</p>

VI. Textos: Sugestões para Estudo

1.

No alto da montanha já quase chuvosa
o velhinho passa
metade entre as nuvens, metade entre as ervas
com um ramo verde nas mãos gastas.

Que pensa, que sente, que faz, que destino
é o seu, nesta altura,
cercado de rochas, calado e sozinho,
cercado de nuvens?

E o ramo que leva, tão verde, na tarde
cinzenta e pesada,
a que primaveras irá conduzindo
seu corpo ou sua alma?

Para muito longe, longe, passa.
Monte sôbre monte,
vai-se andando sempre, sempre há um ramo verde,
e depois um largo horizonte.

(Cecília Meirelles Grillo — *O Velhinho*)

2.

Vinde os possuidores da pobreza,
os que não têm nome no século.
Vinde os homens de contemplação,
Vinde os que têm a linguagem mudada,
Vinde os forasteiros e vagabundos.

Vinde os homens descalços e os que têm
os olhos cheios de espantos.
Jesus Cristo, rei dos reis,
os vossos pés quer lavar;
e o filho do marceneiro
não vos pode abandonar.

(Jorge de Lima — *Vinde*)

3.

No silêncio do parque abandonado
O repuxo prossegue a sua luta:
É um desejar alado
A sair duma gruta.

Ergue-se a pino ao céu como uma lança;
Ergue-se a pino, e sobe na ilusão;
Até que a flor do ímpeto se cansa
E cai morta no chão.

Mas a raiz do sonho não desiste;
Subir, subir ao céu, alto e fechado!
E o repuxo persiste
Na solidão do parque abandonado.

(Miguel Torga — *Parábola*)

4.

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flôres...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flôres, de folhas.

O vento varria as luzes
O vento varria as músicas,
O vento varria os aromas...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De aromas, de estrêlas, de cânticos.

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

(Manuel Bandeira — *Canção do Vento e da Minha Vida*)

5.

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde tímida e lavada,
eu saía a brincar, pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia, de papel, toda uma armada;
e, estendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei môço. E hoje sei, pensando nêles,
Que não são barcos de ouro os meus ideais:
são feitos de papel, tal como aquêles,

perfeitamente, exatamente iguais...

— Que os meus barquinhos, lá se foram êles!
Foram-se embora e não voltaram mais!

(Guilherme de Almeida — *Barcos de Papel*)

6.

Vi uma estrêla tão alta!
Vi uma estrêla tão fria!
Vi uma estrêla luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrêla tão alta!
Era uma estrêla tão fria!
Era uma estrêla sôzinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrêla?
Por que tão alto luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste no fim do meu dia.

(Manuel Bandeira — *A Estrêla*)

7.

Vejo-a no bar e fico triste. A tristeza de não gostar mais é uma tristeza vazia e vil. A ex-amada não tem culpa nenhuma, continua a mesma com sua beleza e jeito de ser; talvez melhor. Sua substância é a de sempre; o imã continua a ser um óxido de ferro, mas perdeu, em relação a nós, o poder de atrair. Explicação não há nenhuma: a côr dos olhos é a mesma, a curva dos ombros também, e o sestro de encolher um dêles quando ri.

Mas, onde está aquela graça infinita que nos encantava?

Outros homens, atentos, a cercam, e sentimos que estão fascinados. Temos quase saudade da primeira vez que a vimos assim, na penumbra de um bar; temos quase inveja dos que a conhecem agora, e sentem o que um dia sentimos. Mas provamos apenas uma entediada melancolia e, o que é horrível, bocejamos.

O poeta precisa fazer um exame de coração. O médico o recebe com um ar grave. Pergunta o nome, idade, filiação. E o pai, e a mãe, de que morreram? E os irmãos?

O médico investiga a família do poeta, mas êste não conta tudo. Não diz nada de suas irmãs remotas, que vivem no azul e se chamam estrêlas; mas das humildes flôres do campo. De suas doenças não diz as que mais o feriram no fundo da alma, de seus vícios não conta o vício de amar.

Tire o paletó e a camisa.

O médico aplica um aparelho sôbre o peito do poeta.

Aplica várias vezes, mais acima, mais abaixo, mais à direita, mais à esquerda. Apalpa o corpo imóvel. Manda que êle respire. O poeta inspira e, depois de inspirado, expira. Seu corpo é transportado para uma câmara escura em que uma enfermeira lhe ata os pulsos, o peito, as pernas; há aparelhos ligados e fios misteriosos. O poeta tem certeza que se deitou numa cama elétrica e vai ser eletrocutado, fica bolando uma frase bonita para se despedir da vida e figurar nos almanaques do futuro — “as últimas

palavras de..." — mas a enfermeira fala em eletrocardiograma, coisa que assusta mas não mata. Estão fotografando a marcha do sangue do poeta.

O médico examina as chapas, toma o pulso e a pressão do poeta, e, mais uma vez, como os antigos, ausculta o poeta.

O olhar grave, êle o encara; depois, lentamente, escreve coisas em um papel e lhe entrega.

— O senhor tem um coração de menino.

— Obrigado, doutor. As mulheres sempre me disseram isto.

(Rubem Braga — *Ela no Bar e o Coração do Poeta*)

VII. Ironia

1.

1. Não esqueça de fechar a porta com tóda a fôrça, para testar as dobradiças.
2. Abra imediatamente os vidros. Absolutamente, não quero que vá sufocado. Ao descer, pode deixar aberto que eu fecho.
3. Se tiver bagagem, ponha em cima dos bancos. Por favor não ponha no chão. Êste estofamento é uma beleza para limpar.
4. Se estiver com os sapatos sujos, esfregue-os no tapête. Tapête de carro é capacho. Não sabia?
5. Acenda imediatamente seu cigarro. Derrube cinza no chão. O carro tem extintor.
6. Ligue o rádio e bem alto. Se quiser, eu paro o carro e desço para levantar a antena.
7. Faça perguntas sôbre minha vida. Pergunte se o carro está pago e pode dizer que não compra carro pequeno porque não presta.
8. E não esqueça de dizer seu itinerário. Se eu fôr, por acaso, passar na rua tal, número tal, você fica.
9. Mandê passar onde o tráfego estiver mais intenso. Adoro ouvir improperios e buzinas atrás de mim.
10. Force o trinco ao contrário e depois pergunte como se abre. Entregue-me o trinco sem acanhamento.
11. Ao descer, bata a porta com o máximo de energia, para último teste. Só faça o favor de empurrar os cacos de vidro para o meio-fio com o pé, para ninguém se machucar.
12. Até logo. Não há de quê. Não é nada, não. Ao me ver passar, faça sinal que eu paro e convido tóda a fila para vir junto. É um prazer.

(*Prezado Carona*)

2.

Como você viu, as palavras nem sempre representam aquilo que se quer dizer... Muita coisa que nos é dita devemos entender "ao contrário".

Se alguém lhe disser:

— Que trabalho bem-feito!...

observe cuidadosamente seu trabalho, analise a pessoa e o tom de voz da pessoa que lhe falou... É provável que você tenha feito um péssimo trabalho... É que as palavras enganam como as aparências...

Muitas pessoas usam a ironia e cabe a você interpretar o que dizem...

IRONIA é a figura

3.

— Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os Apostólicos Conquistadores, que levem pelo mundo os Estandartes da Cruz: Holanda vos dará os Pregadores Evangélicos, que semeiem na terra dos bárbaros a Doutrina Católica, e a reguem com o próprio sangue: Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos, a autoridade da Igreja Romana: Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o Sacrifício de vosso Santíssimo Corpo...

É mais um exemplo de ironia. Ela aparece num sermão, talvez o mais atrevido que um orador sacro já pronunciou em qualquer púlpito. É a parte de um sermão do Pe. Antônio Vieira "Pelo bom sucesso das Armas de Portugal" quando da guerra contra Holanda.

— Procure se informar qual era a religião dominante na Holanda e explicar a ironia.

4.

Você vai sublinhar, no texto abaixo, as passagens reveladoras de ironia.

..... A cigarra deve ser o símbolo da paciência

que sorri, da bondade sem pena, do trabalho sem egoísmo e sem malícia.

A formiga, como se vê, não é por sua vez aquela boa pessoa que a fábula nos inculca. Tem, para quem não a conhece a fundo, tôda a aparência de um ser cheio de qualidades solícitas, eminentemente sociais. É operosa, é econômica, é tenaz! É grande respeitadora das leis e dos costumes. Ajuda as suas iguais, quando pode. Tem o instinto de coletividade muito desenvolvido. Mas, a par disso tudo, quanto defeito, quantos senões! O seu labor continuado, o seu tráfico incessante e silencioso, realizado em comum, às grandes levas, numa necessidade permanente de mútuo auxílio, de associação, de interdependência, de cumplicidade, é, a maior parte das vezes, uma verdadeira pilhagem organizada, é a pirataria erigida em tarefa essencial de todo o povo. E a formiga é egoísta e cruel. De como ela explora friamente o alheio trabalho, já vimos um exemplo frisante no seu procedimento junto ao pequenino poço de há pouco, de onde, sem cerimônia, expulsa quem o descobriu e perfurou. Da sua crueldade basta saber-se o seguinte:

Quando uma cigarra, no meio de seu canto fremente estala e tomba, não tarda que legiões ativas e silenciosas de formigas se lancem sôbre o cadáver e o despedacem, o retalhem, o reduzam a migalhas e carreguem a preciosa colheita para o celeiro farto. Às vezes, nem a desgraçada cantadeira morreu ainda, e ainda agita, de leve, as asas transparentes que se lhe tornaram de chumbo, e já a boa, a sensata, a ordeira, a honesta formiga lhe sobe ao ventre, ao peito, à cabeça e fura e corta e rompe e es-traçalha, ávida e feroz. Oh! como a vida e a morte dos insetos se parecem com a dos homens!

(Amadeu Amaral — *A Cigarra e a Formiga*)

5.

Através de um outro texto vamos fazer uma outra pequena avaliação para ver se você entendeu isso sôbre a ironia... E aproveitamos, também, para ver se você compreendeu todo o texto.

Vizinho —

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isto, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fôsse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, pas-

sos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a leste pelo 1005, ao oeste pelo 1001, ao sul pelo Oceano Atlântico, ao norte pelo 1004, ao alto pelo 2003 e embaixo pelo 903 — que é o senhor. Todos êsses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das vinte e duas horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão, ao meu número) será convidado a se retirar às 21,45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8,15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua onde trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está tôda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus Algarismos. Peço-lhe desculpas e prometo silêncio.

... Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta de outro e dissesse: "Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou". E o outro respondesse: "Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela".

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas, o murmúrio da brisa nas árvores e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor, e a paz.

(Rubem Braga — *Recado ao Senhor 903*)

6.

QUESTÕES RELATIVAS AO TEXTO

- 1) Dividir o texto em partes, dando para cada uma delas um título.
- 2) Qual é a crítica que o autor faz contra o mundo moderno?
- 3) Qual é a mensagem da crônica?
- 4) Que significam os seguintes números: "deve deixar o 783; para tomar o 109; que o levará até o 527"?
- 5) Destaque e comente as passagens reveladoras de ironia.

VIII. Personificação (Prosopopéia ou animismo)

Você quer ver como os poetas e escritores se expressam muitas vezes?

1.

- *Aqui um pedaço de mato está de castigo.
Árvorezinhas acocoram-se no charco.*
— *Um fio de água atrasada lambe a lama.
— A noite chega de mansinho.
Estrélas conversam em voz baixa.*
— *A selva imensa está com insônia.
— Bocejam árvores sonolentas.*
— *... um riozinho vai à escola estudando geografia.
— ... os rios vão carregando as queixas do caminho.*
— *... águas órfãs fugindo.
— ... águas assustadas...*

(Raul Bopp)

O que o poeta fez?

Atribuiu ações, atitudes, sentimentos próprios do homem a seres inanimados. É uma figura que chamamos de Personificação, Animismo ou Prosopopéia.

PERSONIFICAÇÃO é a figura que consiste

2.

*As formigas levavam-na... chovia...
Era o fim. Triste outono fumarento...
Perto, uma fonte, em suave movimento,
Cantiga d'água trêmula carpia.*

*Quando eu a conheci, ela trazia
Na voz um triste e doloroso acento.
Era a cigarra de maior talento
Mais cantadeira desta freguesia.*

*Passa o cortejo entre árvores amigas...
Que tristeza nas fôlhas... que tristeza!
Que alegria nos olhos das formigas!*

*Pobre cigarra! quando te levavam
Enquanto te chorava a natureza,
Tuas irmãs e tua mãe cantavam...*

(Olegário Mariano — *O Entêrro da Cigarra*)

QUESTÕES:

- 1) Em que passagem o autor se utilizou da Personificação?
- 2) Com que finalidade a utilizou?

3.

*Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.*

*È que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho*

(Cassiano Ricardo — *A Lua Cheia*)

QUESTÃO: Aplicar todos os conhecimentos que você tem, no poema acima.

4.

*No longínquo horizonte,
Bem lá no fundo, oh! que beleza!
O astro-rei por trás dos montes
Diz adeus à natureza!*

*Recolhem-se as andorinhas,
Despedindo-se do céu azul.
Aos pombais voltam as pombinhas
As pombinhas do sul...*

Qual mãe que com mil carinhos
Embala seus amados filhos
Assim a brisa embala os ninhos
Dos adormecidos passarinhos.

Badaladas de sinos distantes
Tras a brisa amena e fria
Dos longínquos horizontes.
É a hora da Ave Maria!

(Gil da Serra — *A Tarde*)

5.

Ao longe agonizava o sol no seu Calvário,
Depois de percorrer a “via crucis” diurna,
Sem uma exclamação, estóico missionário,
Abismou-se na trega imensidão noturna.

A noite, aranha hercúlea, urdindo o seu sudário,
Envolveu o astro-rei. E na dantesca furna
O encarcerou qual réu sedento, sangüinário,
Ante a sua visão noctígena e soturna...

O sol, águia de luz, emerge-se das trevas,
Repete desde o caos transfigurações coevas
Como o Cristo surgindo ao cimo do Tabor...

E a noite vulturina imerge-se, chorosa,
Quando exsurges em fogo, exuberante rosa,
Fecundando a natureza ao seu almo calor.

(Ulisses Dinis — *Calvário do Sol*)

6.

QUESTÕES (sobre o texto n.º 5)

- Que expressões substituem o “sol” nesta poesia?
- Foi feliz o poeta nestas substituições? Por quê?
- Este processo de substituir a palavra “sol” por outras expressões, recebe, segundo você sabe, um nome especial. Qual é?
- Quais são as comparações que o poeta utilizou?

- E que expressões substituem a “noite”?
- São sugestivas estas substituições? Por quê?
- Qual é o nome, segundo você aprendeu nestes trabalhos, desta natureza de substituição?
- Que ações e atitudes humanas são atribuídas ao sol?
- E à noite?
- Qual é o nome destas figuras?
- O que você entende por “via crucis”, “dantesca furna” e “noite vulturina”?
- Comentar o título.

7.

COMPARAÇÃO DAS DUAS POESIAS

N.º 1: para as afirmações que se referem à “A tarde”

N.º 2: para as afirmações que se referem ao “Calvário do sol”

- () A linguagem é bastante expressiva.
- () Não há figuras de palavras. A linguagem é direta e racional.
- () É uma linguagem bastante conotativa.
- () É uma linguagem denotativa.
- () A linguagem é simples.
- () A poesia é antitética (tem antíteses).
- () O poeta, em sua linguagem, foge ao cotidiano, evita expressões de todo dia, procura formas exclusivas de dizer.
- () Nota-se uma riqueza de imaginação no poeta, através do uso que faz de uma linguagem metafórica que sugestiona e agrada.
- () Podemos dizer que a linguagem é pobre, não há recursos empregados para a valorização do vocabulário, para dar maior força ao que o poeta quis dizer.

8.

TEXTOS COMPLEMENTARES:

- A flauta e o sabiá — Coelho Neto
- Uma agulha — Humberto de Campos
- Um apólogo — Machado de Assis
- Círculo Vicioso — Machado de Assis

Conclusão

Não foi nosso objetivo fazer um trabalho completo a respeito do assunto. Nossa intenção foi, isto sim, apresentar algumas sugestões de como trabalhar a língua neste terreno. Esperamos que, na sua modéstia, êle sirva de algum modo para auxiliar o aluno na compreensão e valorização dos textos literários.

Bibliografia

- BUENO, Francisco da Silveira — *A Arte de Escrever*. São Paulo, Saraiva, 1962.
CÂMARA, Jr., J. Mattoso — *Manual de Expressão Oral e Escrita*. Rio, J. Ozon, 1961.
GALVÃO, Jesus Belo — *Língua e Expressão Artística*. Rio, Civilização Brasileira, 1967.
LAPA, M. Rodrigues — *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa, Seara Nova, 1945.
TAVARES, Hênio — *Teoria Literária*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1969.